



## **Travesti e Romeira: Romarias ao Padre Cícero, Comunicação e Transgressão de Gênero**

Pablo Soares Pereira COSTA<sup>1</sup>

Sauanny de Oliveira LIMA<sup>2</sup>

Francisco das Chagas Alexandre NUNES<sup>3</sup>

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

### **RESUMO**

Ao observar a romaria enquanto expressão da cultura popular no Cariri cearense, analisamos os rituais e os agentes que a compõem, tendo como foco a figura da travesti romeira, que como todos os outros peregrinos cumpre seus rituais e promessas, entretanto está a margem de uma sociedade que a discrimina. Considerando que a mesma comunica por meio de suas expressões e é um indivíduo atuante na construção da cultura local.

**PALAVRAS-CHAVE:** romaria, travesti, cultura popular, identidade.

### **Introdução**

Todo ano Juazeiro do Norte no Ceará é imersa pelas romarias ao Padre Cícero. Povos de diversos lugares do sertão enchem a cidade para cumprir seus rituais de fé e dar continuação a uma tradição que lhes vivenciam muitas vezes desde a infância. A quebra dessa tradição para tais sujeitos pode significar causa para uma condenação cristã por parte de si mesmos ou de seus pares.

Nas romarias cria-se um novo Juazeiro, a cidade do romeiro, onde segundo Gilmar de Carvalho (1998) torna-se invisível aos olhos do homem contemporâneo que possuiria um olhar apressado sobre as coisas. Neste período o espaço urbano é potencializado, saindo do seu fluxo cotidiano para receber a ocupação que provém dos

---

<sup>1</sup> Estudante de graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social- Jornalismo da UFCA, email: psoaresjornalismo@hotmail.com

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social- Jornalismo da UFCA, email: sauanny88@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social- Jornalismo da UFCA, email: alexandrenunes@cariri.ufc.br



romeiros, pessoas que se prepararam o ano inteiro para este momento de fé. Os fluxos e interações, comunicacionais e de consumo, que acontecem propiciam novas formas de hibridação produtiva, dando assim maior autonomia às tradições locais. Não sendo apenas o fator religioso que trás tantas pessoas a um mesmo lugar, mas na verdade uma série de relações que articulam o que é considerado sagrado com o profano.

Para o romeiro, a visão de Juazeiro é epifânica, por isso, todos os revezes são superados e o sofrimento se inscreveria como purgação diante do prêmio que é pisar esse chão sagrado, marcado por tantas histórias piedosas, indiferente ao trânsito caótico, ao sobrevôo do avião. Aos signos da modernidade de uma cidade paralela, que não é aquela que o romeiro busca. A Juazeiro do romeiro é invisível ao olhar apressado do homem contemporâneo, com seus compromissos inadiáveis, seu medo da violência e seu projeto de futuro. (CARVALHO, 1998 p.89)

É formado um ritual de teatralidades, onde peregrinos, pessoas negras, homens, mulheres, homossexuais, travestis, pobres, cada um que assume um papel, talvez sem nem mesmo perceber, seguindo o roteiro da fé de acordo com a tradição popular. O discurso de tal tradição é difundido cotidianamente como um dom que coube ao passado nos presentear e que nosso dever é preservá-lo e difundi-lo, sem ao menos perguntarmos o porquê ou discutirmos a respeito. Na esteira desta ideia, Hall afirma que:

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. É, claro, um mito- com todo potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história. (HALL, 2003 p.29)

A criação das identidades e os meios que o ser humano procura para se identificar com alguma delas vem acompanhado a um sentimento de orgulho por pertencer a esta identidade. Muitas vezes diz-se frases como: “Orgulho de ser brasileiro”, “Orgulho de ser gay”. Parecendo haver uma necessidade de refúgio nessas identidades e acabamos generalizando e cristalizando o nosso fluxo cultural, não permitindo a sua transformação constante. A partir do momento que o sujeito se opõe tais identidades fixas vai ser subalternizado até que se enquadre nas normatizações, ditas “sadias”. Assim, ao escapar desta padronização de comportamentos, a travesti enquanto romeira se apresentaria como duplamente transgressora assumindo duas identificações subalternos, trans e devota de padre Cícero, ela é constantemente marginalizada pela sociedade.



Em uma cidade onde a imagem de um padre Cícero atua como balizador das relações sociais de seus moradores, a figura da travesti já está à margem na cotidianidade de uma região caracterizada pelo patriarcalismo. Mas como Downing (2002) vem falar, as ações e expressões desta também são mídia desde que protagonizada pelas classes populares com intenções comunicativas, de denúncia ou crítica social. Logo, pretendo nesse texto analisar como se dão as romarias aos fundados de Juazeiro do Norte e seus rituais no mundo contemporâneo e como as travestis, já marginalizados socialmente, por assumir uma identidade transgressora, permeiam por esse ritual cristão.

### **1-O ritual da romaria**

O termo romaria pode ser definido como uma peregrinação religiosa rumo a uma igreja, ermida ou lugar santo, tendo a igreja católica, uma ampla diversidade de lugares que atraem estas peregrinações. Sendo assim, no dia 24 de março e 20 de julho, se inscrevem respectivamente as romarias do aniversário do Padre Cícero e de sua morte em Juazeiro do Norte. A cidade cearense é considerada um dos maiores centros religioso da América Latina, recebendo em média 2 milhões de romeiros todos os anos, destinados a montar uma iconografia correspondente a simbologia que lhes conduz. (CARVALHO,1999,)

As romarias de Juazeiro se mantem até hoje pelo seu valor tradicional e também pela sua potencialidade dentro mercado, movimentando o comércio local, hospedaria, etc. Com o somatório dos aspectos da modernidade, vai se gerando uma transformação comportamental nas festividades, tendo uma notoriedade no quesito de compra e venda. As barracas dos mais variados tamanhos, com suas cores flamejantes, contendo em si os mais variados produtos sacros ou não. Vê-se então, uma articulação entre o sagrado e o profano, a peregrinação assume uma policromia, se torna uma grande feira de bens simbólicos.

Junto com os visitantes, se somam os que vêm pelo encontro com a cidade da Fé, os chegam enfermos para pedir esmolas, que não se sabe ao certo como vem, mas estão lá. O espaço que se põe como sagrado acolhe a todos, mesmo com suas divergências, pessoas que estão lá para lucrar de forma lícita ou ilícita. Em geral, temos a impressão de que ao estar na “terra santa”, se anulassem os atos pecaminosos, já que estes poderiam ser absolvidos na missa do dia seguinte. Aproveitando o romeiro de tal



aval, para ser praticante do prazer, para tomar sua aguardente, e pela manhã participar de suas teatralidades religiosas. Sendo assim podemos tomar que o desenvolvimento moderno não suprime as tradições populares, mas remodela as mesmas. (Sousa e Alves, 2010).

Nesse ritual cristão que acontece todos os anos na cidade de Juazeiro do Norte e atrai milhares de romeiros de diversas partes do país, cria-se um fator chamado: identidade que segundo Hall (2003) é a noção que se tem que a identidade cultural é marcada no nascimento sendo assim a identidade ganha uma noção que tende a eliminar as diferenças dentro de um lugar e contexto. É estabelecida uma identidade perante a comunidade romeira e quem não a possui conseqüentemente não será visto como tal. Quando se fala em romeiro evocamos uma imagem de uma senhora negra, com vestidos maltrapilhos, fitas do padre Cícero, já desgastadas, amarrada nas mãos e um rosário de porcelana no pescoço, que possui uma imagem do padre Cícero e Nossa Senhora na medalha. Será que é só isso que define o romeiro? E se fosse um homem branco, loiro, vestido de terno no meio de uma romaria será que ele poderia também ser identificado como um romeiro ou nesse caso já seria turista?

As romarias a partir do momento que são definidas como patrimônio e identidade contraditoriamente estabelecem uma essência para si que deve ser refletida em seus atos e manifestações para assim serem legitimadas. O desejo pela repetição e a perpetuação da ordem pode ser enxergado nas manifestações religiosas do Cariri, segundo Burke (2010) isso seria considerado o reforço, constituindo a afirmação de uma ordem por meio da repetição de ideais. A subida ao horto, a frequência nas missas na Igreja Matriz, os pedidos e preces são uma forma de exemplificar essa repetição constante. Esse desejo de perpetuação de uma ordem é visto a partir do momento que as romarias enquanto manifestação religiosa cristã, nos atribuem uma série de normas morais que devem ser seguidas e são legitimadas com os dogmas católicos.

Normas que estabelecem limites em nossas vidas para uma integração social. As travestis romeiras enquanto figura transgressora por possuir características e um modo de vida que não condiz com os padrões que são esperados para aquele corpo se insere nas caminhadas ao padre Cícero enquanto cristã. Invisibilizada e oprimida elas seguem o mesmo trajeto dos romeiros, cumprindo suas promessas e atividades nesse ritual. No âmbito midiático podemos tomar essas características como um formato de comunicação já que como cita Downing (2002), formas têxteis e vestuários são



considerados como mídias e são relacionadas a partir de seus contextos e situações particulares dentro da cultura popular.

O termo cultura popular, então, concentra-se na matriz da mídia radical alternativa, que é relativamente independente da pauta dos poderes constituídos e, as vezes se opõem a um ou mais elementos dessa pauta. Ao mesmo tempo, o termo serve para nos fazer lembrar que toda essa mídia é parte da cultura popular e da malha social como um todo e não se encontra isolada, de modo ordeiro, em um território político reservado e radical. (DOWNING, 2004, p.39)

Podemos notar que a transgressão é tolerada a partir do momento que se consegue apresentá-la como um ato transgressor lícito e inevitável, dando por continuidade a imposição das maneiras, estabelecidas como “corretas”, de atuação na sociedade para que esse indivíduo seja inserido novamente no meio social. Como Peter Burke (2010) que nos apresenta o carnaval enquanto uma válvula de escape em meio às desigualdades que a sociedade vivia, a romaria por sua vez é um espaço destinado a esses peregrinos assumindo caráter de uma resposta divina as súplicas que lhe eram feitas.

## **2- A identidade da romeira**

A romaria fundamentada na fé cristã católica possui um embasamento patriarcal e conservador. Quando Canclini (2003) nos apresenta a força que o rito tem de estabelecer uma separação entre o permitido e o proibido, podemos interligar isso com a romaria e conseguir ver que tal manifestação é composta pelo sagrado(permitido) e pelo profano(proibido). O rito consegue agir não somente como um modo de defender uma antiga ordem e sim como movimento em que a sociedade vai controlar os riscos de mudança.

Dentro deste contexto vemos uma formação cultural e identitária que regem as ações dentro da peregrinação ritualística em torno do Padre Cícero, temas que em si se fazem presentes em nossa vivência e são incorporados naturalmente como algo inato ao ser humano, sendo assim não se insurge uma necessidade explícita de se refletir acerca de tal tópico. Cultura e sociedade adquirem o caráter do social e seu signo, sendo associada muitas vezes a tradição, ao popular, e a algo que deve ser preservado, colocando assim os que não se enquadram neste padrão a margem.

A travesti a partir do momento que assume uma identidade de romeira rompe princípios que a instituição religiosa estabelece. Sendo duplamente transgressora, a partir do momento que aquele corpo com pênis que foi designado ao nascer como



pertencente ao gênero masculino transgride as normas e segue com características ditas femininas, ela vai ser marginalizada perante a sociedade (Bento, 2008). O segundo fator é por assumir uma identidade religiosa que crítica e trata seu modo de viver como uma forma não saudável, já que historicamente a igreja vem atuando na normatividade de um padrão sexual.

Diante de tal transgressão denegada, que segundo Canclini (2003) é a ação básica do rito. Esta transgressão vai tentar ser resolvida por meio dos princípios estabelecidos tentando assegurar assim a reprodução de tal grupo. Por meio dessa ação a travesti é invisibilizada e fica a margem do meio social em que esta inserida. A igreja enquanto instituição formadora, assim como o lar, a escola, entre outros que apresentam ritos de passagem e lhes mostra como deve-se agir e se comportar perante a sociedade acaba construindo pessoas aptas a discriminar quem não cumpre tais ritos.

Ao sacralizar o espaço e os objetos e ao impor uma ordem de compreensão, organizam também as diferenças entre grupos sociais: os que entram e os que ficam de fora; os que são capazes de entender a cerimônia e os que não podem chegar a atuar significativamente. (CANCLINI,2003,p. 46)

E estes ritos a que se “deve” seguir são resignificados como cultura. Termo que por si é cercado de adjuntos, segundo Hall(2003) é vista muitas vezes como meio que tece uma identidade, uma integração entre povos, principalmente em situações de diásporas. Entre aqueles migrantes que por situações diversas de econômicas a religiosas foram recolocadas em um lugar que “não era seu”, e precisam de algo que as una e as identifique. A identidade é posta como uma marca inerente ao nosso nascimento, e que assim deve permanecer imutável, nos diferenciando do estrangeiro e ao mesmo tempo ligando a um coletivo.

Entretanto, a cultura advém de uma experiência vivida no meio social e a segregação por meio da noção de identidade como algo fechado acaba ocultando este fator (COELHO, 2008). Esta ideia de destacamento da cultura, sendo algo que está para além do sujeito, é que faz Pierre Bourdieu (1979) argumentar sobre a criação de um habitus<sup>4</sup>que distingue e segrega os homens e mulheres em seu meio social. O etnocentrismo de classe faz com que apenas uma classe possa utilizar determinados bens sociais e a cultura vem ser a internalização deste habitus.

Foi pré-estabelecido desde nossa infância o que significa ser homem e ser mulher. O homem dever ser uma pessoa viril, sem sentimentos e que desde criança

---

<sup>4</sup>Segundo Bourdieu (2005) o habitus é um conjunto de disposições que agem em seus sujeitos como se fosse uma segunda natureza, mesmo que esta seja uma natureza socialmente adquirida.



aprende que o seu papel que é ser o provedor da casa, cumprindo tarefas longe do lar. A mulher é formada para ser uma pessoa sentimental e frágil que deve cumprir as tarefas domésticas e ser a reprodutora da família. Estando as travestis reinventado tal religiosidade e reconstruções. Segundo Nunes e Alves (2010) é preciso afirmar que as pessoas são diferentes entre si e que as noções de “identidade” ou identidades estão constantemente em trânsito, logo supõe-se que não há justificativa para discriminação por sua orientação sexual seja através de violências moral, física e psicológica.

O indivíduo que não se adequa a essa essência identitária de gênero pré estabelecida não terá a permissão de participar da vida social. A travesti enquanto ser que nega esses fatores vai ser excluída do meio social. Nas sociedades contemporâneas onde o fluxo de informações e transformações passa a ser constante, os indivíduos sociais procuraram se agarrar ao tradicional como um modo de segurança. Este contemporâneo é visto como algo heterogêneo, móvel e desterritorializado.

Interessante que quando os meios midiáticos em geral representam as romarias é passada uma imagem de um povo com imagem heteronormativa tida como universal. Tais sujeitos iriam a procura do sagrado e de cumprir os rituais no qual fazem seus juramentos. Deixando invisível que um dos fatores que também movem a romaria é o mercado do sexo onde as travestis, parecem ser vistas como marginais que se enquadram nesse mercado também subalterno. A imagem de uma travesti cumprindo seu culto religioso enquanto romeira dificilmente será vinculado na grade mídia a não ser como espetáculo. Canclini vem falar que isso se dá dentro de uma lógica onde a mídia se transformou em mediadora e mediatizadora. Onde o “real” é o que se passa nos meios de comunicação de massa e o que ali não é retratado se tornará invisível.

A “cultura urbana” é reestruturada ao ceder o protagonismo do espaço público às tecnologias eletrônicas. Como quase tudo na cidade “acontece” porque a mídia o diz e como parece que ocorre como a mídia quer, acentua-se a mediatização social, o peso das encenações, as ações políticas se constituem enquanto imagens da política. Daí que Eliseo Verón afirme, de forma radical, que participar é hoje relacionar-se com uma “democracia audiovisual”, na qual o real é produzido pelas imagens geradas na mídia.” (CANCLINI, 2003, p. 290).

As políticas culturais autoritárias instauradas dentro do conceito da romaria procuram instaurar uma teatralização do patrimônio com a expectativa de demonstrar que existe uma origem que deveria ser a base de tudo. O mundo nos é apresentado como um palco, mas o que deve ser representado aqui já está escrito e pré-estabelecido. Quem se nega a ler o script será subalternizado e excluído (Bento, 2010). A mídia atua assim



como reforço do que já é propagado, como uma engrenagem do sistema, produzindo muito de pouco, representando o enquadramento folclórico fora da cotidianidade.

## **Conclusão**

Com uma saída da idéia de “mito de origem” podemos assim melhor entender as composições e recomposições da cultura e identidade, fazendo uma melhor apropriação dos bens simbólicos, ou melhor, uma devida democratização destes. Dando espaço para uma visão em que se tenha maior interesse nos agentes sociais do que nos bens culturais.

Uma série de identidades marginais que estão constantemente atuando dentro desses rituais que se estabelecem e contribuindo para a perpetuação das mesmas estão a margem dos ciclos sociais. Não esquecendo, claro, da mídia alternativa que muitas vezes é a única a dar voz sem uma carga de estereótipos a esses indivíduos. Podemos ver isso no curta metragem “Também sou teu povo” (2006) produzido por Franklin Lacerda e Orlando Pereira que retrata depoimentos de travestis juazeirenses que falam sobre o seu cotidiano e a fé que depositam em seus santos católicos. O curta é um exemplo de “mídia radical” quando Downing (2002) fala que tal mídia se propõe a observar as práticas e expressões culturais populares como meio de tencionamento do padrões que já estão vigentes através dos meios tecnológicos e egemônicos. Rever o conceito de cultura dentro de uma vivência cotidiana para pensar como ela é vista e como seus participantes se vêem na cultura somam a uma nova remodelagem cultural e plural. Assim constatamos o pouco espaço que é reservado para estas e procurar meios que possam dialogar e visibilizar estas minorias, não continuando com a reprodução de preconceitos e estereótipos sobre elas.

## **REFERÊNCIAS**

- BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: brasiliense, 2008.
- BOURDIE, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2.ed- Porto Alegre,RS: Zouk, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 8.ed. Lisboa: Difel, 2005.
- BURKE, Peter. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do Dilema Brasileiro**, 6ª Edição, Rocco, Rio de Janeiro, 1997
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CARVALHO, Gilmar de. **Madeira Matriz: cultura e memória/ Gilmar de Carvalho- São Paulo, Annablume, 1998.**





- COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário** : cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Iluminuras: Itáu Cultural, 2008.
- DOWNING, John D. H. **Mídia Radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos e movimentos sociais / 2ª edição- São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.